

A maquinação virtual: da subjetividade egoica à subjetividade incondicionada da técnica moderna

The he virtual maquination: from the subjectivity of the ego to the unconditional subjectivity of modern technology

DOI: 10.12957/ek.2017.33509

Dndo. André Sendra de Assis
andre_sendra@hotmail.com
Universidade de São Paulo

O presente trabalho discute o processo paulatino da virtualização do mundo a partir da exposição de Martin Heidegger sobre a era da técnica moderna. Para tanto, será acompanhado o trabalho do filósofo na descrição dos elementos fundamentais do pensamento moderno, a saber, o advento da subjetividade egoica e o posicionamento do mundo como pura representabilidade do sujeito, até o momento no qual ocorre a autonomização de tal esquema posicionador, para além do sujeito e do objeto, de modo a instituir o caráter essencial do mundo contemporâneo: a subjetividade incondicionada. Acompanhando este processo, o trabalho visa trazer à tona a determinação específica de um mundo no qual tudo vira nada e, conseqüentemente, tudo se torna passível de ser produzido pela maquinação (*Machenschaft*). Neste ponto, a ciência cibernética ocupa um lugar central, pois é a partir dela que pode ocorrer, às últimas conseqüências, a produção de um mundo virtual.

PALAVRAS-CHAVE Heidegger. Técnica moderna. Virtualização. Subjetividade incondicionada. Maquinação. Cibernética.

The present paper aims to discuss the gradual process of virtualization of the world in accordance with Martin Heidegger's exposition about modern technology. In order to do this, we will reconstruct Heidegger's description of the fundamental elements of modern thought, i.e., the emergence of the subjectivity of the human ego and the establishment of the world as pure representation made by the subject until the moment in which occurs the detachment of the schema of such an establishment itself, beyond subject and object, producing constantly now the character of the contemporary world: this is called unconditional subjectivity. Reconstructing this process, the paper wants to extract the own determination of a world in which everything becomes nothing and, consequently, everything becomes a mere product of the maquination (*Machenschaft*). In this context the cybernetic occupies a central place because it from the cybernetic that indeed it becomes possible the production of a completely virtual world.

KEY-WORDS Heidegger. Modern technology. Virtualization.
Unconditional subjectivity. Maquination. Cybernetic.

Introdução

Ao discutir a ideia de virtualização do mundo, aquilo que conhecemos como um mundo marcado por tecnologias capazes de entrar em rede e que possibilitam a produção de um mundo virtual dentro da própria rede, o trabalho de Martin Heidegger a respeito do paradigma da técnica moderna aparece como um horizonte teórico imprescindível.

No pensamento tardio do filósofo, a descrição da contemporaneidade a partir da técnica moderna trata de modo preciso o mundo em que vivemos. Os elementos que sustentam esse mundo tal como ele é já estavam presentes no arco argumentativo do autor, porém, ele não pôde acompanhar em que direção a técnica moderna, de fato, caminhou. Desse modo, é possível pensar em uma aplicação diversa dos trabalhos de Heidegger, apontando como os elementos de estruturação do mundo que já estavam presentes há um par de séculos atrás aparecem agora, onticamente, como virtualização radical do espaço.

Para tanto, será necessário descrever de que maneira a subjetividade egoica, presente no pensamento moderno, se autonomiza como subjetividade incondicionada da técnica moderna, propondo um modo específico de desencobrimento do mundo que desvela todos os entes como vazios, posicionando-os contingentemente. Ao mesmo tempo, buscaremos alcançar o entendimento de como a ideia de produção (*poiesis*) da metafísica antiga, articulada com a *techné*, já representava um projeto de virtualização do todo que chega à sua concreção ôntica radical na contemporaneidade a partir da possibilidade da produção de tudo descrita por Heidegger a partir do termo maquinação.

A maquinação, articulada com a ciência cibernética, entendida como a realização da essência da técnica, produz agora um mundo desvinculado dos limites da concretude física, reescalando por completo a relação do homem com o tempo e o espaço, pois o mundo virtual propõe a superação do espaço geograficamente constituído, ao mesmo tempo em que não se submete à lógica de um tempo local, pois a rede cibernética lança o homem para um espaço marcado por uma estagnação temporal.

A subjetividade egoica

Na filosofia moderna, mais especificamente, a partir de Descartes, é que se inicia a “época das imagens de mundo”, conforme denominação sugerida por Heidegger. Com o surgimento da modernidade, o mundo como um todo se torna imagem.

Em um momento anterior ao *cogito cartesiano*, o sujeito era considerado como o próprio sujeito gramatical, ou seja, aquele sujeito passível de receber a atribuição de qualidades ou ações.

Descartes buscou um asseguramento do modo próprio de conhecer, uma forma de conhecer que se apossasse das condições do método, um retorno às condições de possibilidade do conhecimento, assim como Aristóteles. No entanto, nesse ponto, ele considera certa ingenuidade no pensamento aristotélico. Descartes propõe que essas condições de possibilidade são características de uma subjetividade egoica, logo, não estão na coisa, mas no eu do sujeito humano. Nessa procura por um princípio certo e seguro de conhecimento, surgiu o cogito, imortalizado na expressão *cogito ergo sum*¹.

O cogito, ou o sujeito que duvida, que pergunta, é considerado por Descartes uma unidade indubitável, a partir da qual o conhecimento poderia ser referenciado de forma confiável e garantida. Descartes reduziu o sujeito gramatical ao sujeito egóico, instaurando um encurtamento da ideia de subjetividade. O sujeito se tornou posicionador de todo e qualquer objeto a ser posicionado. Ocorre a instauração do “si mesmo”, como princípio de tudo o que verdadeiramente é. Descartes, assim, dividiu as coisas entre *res cogitans*, a coisa que pergunta, que pensa, o sujeito (homem), e *res extensa*, as coisas extensas, os entes intramundanos, objetos do pensamento do sujeito.

A presença de uma subjetividade propõe um campo de presença para a mesma. Tudo o que se dá a conhecer possui, agora, a estrutura da subjetividade, e é referida a ela dentro desse campo de decisão.

Os entes são, dessa forma, transformados em objetos, que dependem dessa subjetividade que, ao se autoposicionar, posiciona os entes em geral, de tal modo que esses entes conquistam, nesse posicionamento, a sua presença. Todo e qualquer ente aparece agora como referente ao sujeito posicionador. Instaura-se um campo de representação do ente (objeto) referente a essa estrutura posicionadora primordial que também é representativa. Assim sendo, a totalidade é submetida a uma lógica representativa, tornando tudo mera representação.

Essa dependência do sujeito posicionador varre os entes de sua presença originária, de sua presença sensório-fenomenal, para uma presença meramente representacional, a de objetos referentes a um posicionamento subjetivo. Os entes perdem sua autonomia, na medida em que só são o que são no interior da produção de representações, “o ente se torna ente na representabilidade” (HEIDEGGER, 2007a, p. 7).

1 Cf. DESCARTES, R. *Discurso sobre o método*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Onde tudo é representação, o mundo se torna imagem, e essa é a essência da época moderna. Segundo Heidegger (2007a, p. 7):

A princípio, com a palavra “imagem” pensa-se na afiguração [*Abbild*] de alguma coisa. Por conseguinte, a imagem de mundo seria um retrato do ente em sua totalidade. Todavia, a imagem de mundo diz mais. Com ela, queremos dar a entender o próprio mundo, o ente em sua totalidade, na medida em que ele nos dá critérios e impõe obrigações. A imagem não significa aqui um simples decalque, mas aquilo que se sobressai na expressão coloquial alemã “*wir sind über etwas im Bilde*”, literalmente: “nós estamos na imagem a respeito de algo”. Isto significa que a própria coisa é como aparece diante de nós. Pôr-se na imagem de alguma coisa significa estabelecer diante de si o próprio ente, como ele mesmo é, e fixá-lo permanentemente diante de si. Ainda falta, porém, uma determinação decisiva da essência da imagem. “Nós estamos na imagem a respeito de algo” não significa apenas que o ente em geral é uma representação nossa, mas antes que ele está diante de nós, em tudo que lhe pertence e em todas as suas conexões, como um sistema. Em “nós estamos na imagem” ressoam também “estamos informados”, “estamos preparados e instruídos”. Quando o mundo se transforma em imagem, o ente em sua totalidade é fixado como aquilo pelo que o homem se orienta, portanto aquilo que o homem coloca diante de si e quer, num sentido essencial, fixar diante de si. A imagem do mundo, entendida de modo essencial, não significa uma imagem do mundo, mas o mundo concebido enquanto imagem. O ente em sua totalidade agora é tomado de tal forma que ele só passa a ser na medida em que é posto por um homem que o representa e produz. Quando surge uma imagem de mundo, uma decisão essencial se consuma a respeito do ente em sua totalidade. O ser é buscado e encontrado na verdade do ente.

A subjetividade incondicionada

Na contemporaneidade ocorre uma inflexão na estrutura posicionadora presente no pensamento cartesiano. Permanece aqui a essência reflexiva da subjetividade moderna, mas sem a conservação dos seus elementos substanciais. A presença do eu e dos objetos desaparece para dar lugar à pura disponibilidade.

Na metafísica moderna tudo é objeto. No mundo contemporâneo, por sua vez, tudo se torna disponível (*Bestand*). É isso que nos mostra a análise heideggeriana da técnica. A imagem modernamente alcançada por meio da representação não desaparece, mas perde totalmente a sua ancoragem ontológica. A imagem se fluidifica, perdendo por completo a sua referência àquilo de que é imagem. Nesse momento, o ente atinge a plenitude da sua irrelevância em relação à sua determinação própria; e isso em razão do esquema posicionador da técnica moderna.

Técnica moderna é um termo utilizado por Heidegger para marcar a distinção da época histórica contemporânea, da era da técnica metafísica antiga (que vige do início da filosofia até a modernidade, inclusive). Essa época mantém a estrutura metafísica por meio do posicionamento, porém ocorre uma autonomização da subjetividade moderna, ela é reduzida ao mínimo, ao sistema de posicionamento, o qual se garante de forma autopoietica. O elemento posicionador do pensamento cartesiano é mantido. Em seguida, em um movimento incessante de posicionamento, que ocorre paulatinamente de forma cada vez mais rápida e irrefletida, acontece a autonomização do próprio gesto posicionador, o qual se mantém agora para além dos objetos e independente deles. Nesse ponto, eles se tornam algo absolutamente sem importância, na medida em que comparecem apenas de forma conjuntural. Baudrillard foi preciso quando, ao interpretar a contemporaneidade a partir do paradigma do simulacro e da simulação, nos falou de uma “ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desapareceram” (1991, p. 14). Nos termos do pensamento tardio de Heidegger, isso significa: na gênese da subjetividade moderna, a verdade do cogito, performativamente garantida como indubitável, na qual o eu é determinado por uma propriedade específica, a de ser pensante, é marcada por uma essência reflexiva. Temos aqui o movimento inaugural das teorias do conhecimento modernas. Parte-se incessantemente da ideia de que antes de conhecer o que quer que seja, é preciso se assegurar das condições de conhecimento. Para Descartes, conhecer é entender o que significa conhecer, o que leva à consideração de que a modernidade se confunde com uma análise prévia do significado mesmo de conhecer e de suas condições de possibilidade a priori. Dessa busca moderna

por um princípio de asseguramento, resta agora, na contemporaneidade, apenas o gesto de assegurar. Ocorre aqui uma transformação da subjetividade egoica, marcada por um processo prévio de reificação, em subjetividade dinâmica, que retém o asseguramento, mas sem qualquer processo prévio de posicionamento.

A subjetividade incondicionada fundamenta-se no posicionamento. Ela se estrutura a partir de uma subjetividade posicionadora, que se dispõe em meio a um movimento que não experimenta freios, pois tudo que se posiciona em uma determinada conjuntura já é imediatamente ultrapassado por outra conjuntura. Aquilo que preenche o esquema vira nada; mas um nada conjuntural, vazio, já que sem qualquer importância. Se ele for uma coisa, pertence a uma determinada conjuntura, se for outra, pertence a outra que, por sua vez, pertence a outra, e assim por diante. Um exemplo disso é dado por Heidegger na sua conferência sobre a técnica (2007b, p. 382) e refere-se ao carvão que serve para dispor da sua energia solar armazenada de forma que alimente a maquinaria, que faz funcionar a fábrica, que sustenta uma indústria de um ramo de atividade qualquer, que sustenta a economia de algum lugar, em um movimento projetado em uma cadeia infinita. Como forma de esclarecimento do processo conjuntural, no qual a totalidade se encontra imersa a partir do desencobrir técnico como disponibilidade, já autonomizado da vontade humana, o qual impele o homem a se realizar por meio dessa verdade, cabe aqui outro exemplo proposto por Heidegger (2007b, p. 383-384):

O guarda florestal, que faz o levantamento da madeira derrubada na floresta e, ao que parece, tal como o seu avô, percorre do mesmo modo os mesmos caminhos da floresta, é hoje requerido pela indústria madeireira, saiba ele disso ou não. Ele é requerido para a exigência de celulose que, por sua vez, é desafiada pela necessidade de papel, que é fornecido para os jornais e para as revistas ilustradas. Estes, por seu turno, dispõem da opinião pública para que esta devore o que é impresso e esteja disponível para um arranjo opinativo e encomendado. No entanto, porque o homem é desafiado mais originalmente do que as energias naturais, a saber, no requerer (*Bestellen*), ele nunca será uma mera subsistência. Na medida em que o homem cultiva a técnica, ele toma parte no requerer enquanto um modo de desabrigar. Entretanto, o descobrimento mesmo, no seio do qual o requerer se desdobra, nunca é algo feito pelo homem, muito menos o

âmbito que o homem a toda hora sempre percorre, quando, enquanto um sujeito, se relaciona com um objeto.

A totalidade é agora absorvida nesse movimento devido a ser essa a forma como o ente é interpelado na contemporaneidade. Esse elemento é para nós extremamente importante. Agora, tudo é posicionado de forma cada vez mais rápida, em um constante posicionamento que se lança para além dele mesmo. A ideia do posicionar que se volta anteriormente sobre si, a ideia do autoasseguramento da subjetividade moderna, do si mesmo que sempre se coposiciona, se autonomiza apenas na garantia do coposicionamento, no movimento autorreflexivo. Essa é a estrutura da subjetividade incondicionada. Ela é incondicionada por não necessitar mais dos elementos substanciais, apenas do posicionamento.

Nesse eterno posicionar se posicionando, no qual a técnica quer sempre primeiro a si mesma, a partir da manutenção do esquema técnico de posicionamento da totalidade, aquilo que é posicionado se torna irrelevante. Tudo que se apresenta é indiferente e não tem mais consistência alguma. Algo só se apresenta para ser imediatamente ultrapassado, destruído, pois, quando um ente vem à presença a partir de uma determinada conjuntura, essa conjuntura se lança automaticamente para além dela mesma.

No momento em que tudo vira conjuntural, o todo vira nada. O que antes foi considerado como a metafísica da presença à vista – na medida em que o início da filosofia foi marcado por uma procura por uma determinação positiva do ente, determinando-o por meio de estruturas e categorias – se torna agora a metafísica da ausência, a metafísica do nada. Esse é o mundo, a verdade, o fundamento (ausente de fundamentos) da técnica moderna.

Essa imposição da destruição de tudo que se apresenta, tornando o que quer que seja irrelevante e imediatamente ultrapassável, demonstra claramente a determinação violenta da técnica.

Se, no princípio da metafísica, o ser dos entes foi tratado como um fundamento absoluto, deixando de considerar o caráter histórico presente no fundamento, na técnica moderna, na medida em que tudo se torna conjuntural, o fundamento deixa de ser alvo de qualquer questionamento. Ocorre nesse momento uma supressão do problema insolúvel do fundamento absoluto, para a instauração da verdade de fundamentos contingentes. Para Heidegger, essa é a passagem do esquecimento do ser para o abandono do ser.

Técnica moderna e maquinação

A técnica moderna tem como essência a composição ou armação (*Gestell*), a qual remete ao caráter de reunião, montagem. “Ao que é técnico pertence, em contrapartida, tudo o que conhecemos como sendo estruturas, camadas e suportes, e que são peças do que se denomina como sendo uma montagem” (HEIDEGGER, 2007b, p. 385). A composição é o fundamento técnico que desafia o homem a descobrir a totalidade como fundo de reserva, como disponibilidade, tomando a natureza como um sistema, passível de todo o cálculo. Isso fica explícito nas ciências derivadas da filosofia, que lhe herdaram e exponenciaram o caráter técnico. A física, nesse sentido, ocupa uma posição central.

A realização da filosofia na segmentação do conhecimento em forma de ciências aplicadas propõe a calculabilidade de tudo. O caráter de contabilização prévia da técnica não coloca a matemática como resultado da técnica, visto que esta é anterior à própria filosofia, mas propõe a possibilidade de contar com o ente, tornando tudo passível de ser contabilizado e produzido. Na técnica moderna, disponibilidade envolve a ideia de que algo é da forma como o pensamento calculador determina que ele seja. A conotação relacional do termo é o que faz com que Heidegger atualize a disponibilidade como elemento central da determinação conjuntural da técnica moderna.

A metafísica grega é fundada no conceito de produção (*poiesis*). No interior desse pensamento produtivista emerge a ideia de que a produção envolve limites não produzidos da produção. Dito de outra forma: As condições de produção de algo são anteriores à sua produção. É preciso primeiro contar com a ideia de algo para que se possa produzi-lo posteriormente. A técnica moderna, marcada pelo pensamento calculador, faz com que tais limites desapareçam e tudo se torne produtivo, inclusive a própria ideia. A determinação do ente depende apenas de uma conjuntura referente. A produção de algo é atrelada exclusivamente ao seu posicionamento, a uma necessidade conjuntural específica.

A produtibilidade de tudo envolve a ideia de “fazeção”. Na medida em que tudo é feito, o próprio esquema do fazer se autonomiza do fazer. Ocorre, então, uma autonomização do fazer, a transformação de tudo em elemento de produção de tudo. A essa produção autonomizada Heidegger denomina maquinação (*machenschaft*), o mesmo que fazeção. “A maquinação é o erigir-se com vistas à possibilidade de que tudo seja feito; e isto de tal modo, em verdade, que está previamente disposto o ininterrupto da contabilização incondicionada de tudo” (HEIDEGGER, 2010, p. 18, grifo do autor).

A maquinação é realizada por meio da corrosão do ente na sua determinação conjuntural. Aquilo que se posiciona, tomado como disponível, já se lança para além dele mesmo e se configura, uma vez mais, de uma nova maneira. Tal determinação, assim entendida, não esconde seu caráter violento, intrinsecamente fincado na irrelevância legada ao representado em favor de uma nova representação.

[...] a maquinação dispõe do ente enquanto tal no campo de jogo de uma *aniquilação* constante, um campo de jogo que aciona constantemente o ente. A essência da maquinação, uma essência constantemente aniquiladora que já se desdobra por meio da ameaça da aniquilação, é a violência. (HEIDEGGER, 2010, p. 18, grifo do autor).

Avançando mais um ponto:

A maquinação exige em muitos mascaramentos da violência múltipla a calculabilidade de antemão completamente abarcável do apoderamento submissor do ente ao erigir disponível; dessa exigência essencial, mas ao mesmo tempo velada, emerge a técnica moderna. (HEIDEGGER, 2010, p. 19).

Essa passagem revela o caráter de apoderamento ao qual o ente é submetido quando se lança no movimento transformador imposto por sua determinação instantânea em disponibilidade. É esse “dispor do ente enquanto tal no campo de jogo”, esse apoderamento do ente, que aponta para a ciência que no seu modo de ser aparece como concreção ôntica radical da maquinação: a cibernética.

Cibernética e virtualização

É possível dizer que a cibernética está na essência da técnica moderna. O pensamento calculador, presente na ideia de maquinação, leva o desencobrimento da natureza para uma amplitude similar à de um sistema, tornando-a algo possível de ser calculado e contabilizado por meio das ciências. Assim, ele encontra na cibernética a sua essência. A cibernética possui a determinação essencial da técnica, pois ela é o campo de jogo da relação entre dados que, em

si, são irrelevantes. Ela ocupa o lugar de referência a partir do qual todas as ciências, herdeiras da filosofia, se reportam e se submetem, pois a cibernética é a possibilidade realizada da contabilização de tudo. Heidegger (2009, p. 68) a descreve da seguinte forma:

Esta ciência corresponde à determinação do homem como ser ligado à práxis na sociedade. Pois ela é a teoria que permite o controle de todo planejamento possível e de toda organização do trabalho humano. A cibernética transforma a linguagem num meio de troca de mensagens. As artes tornam-se instrumentos controlados e controladores da informação.

Para além da ideia de que a cibernética está na essência de um mundo marcado pela calculabilidade incessante de tudo, essa passagem revela algo que temos experimentado de forma cada vez mais intensa: a transformação do homem e das possibilidades humanas em possibilidades cibernéticas. Isso aparece, por exemplo, na transformação da linguagem em linguagem de máquina, e na transformação do pensamento em um mero procedimento de elaboração de dados. Essa possibilidade já havia sido anteriormente descrita por Heidegger quando, ao tratar da composição como o apelo que leva o homem a desencobrir o mundo como disponibilidade por meio da verdade técnica, apontou para o fato de que por esse prisma, ele mesmo também acaba sendo tomado, não só pelos outros, mas por essa cadeia que se autonomiza da vontade humana.

E se o destino impera no modo da armação, então ele é o maior perigo. O perigo se anuncia a partir de duas direções. Tão logo o que estiver descoberto não mais interessar ao homem como objeto, mas exclusivamente como subsistência, e o homem no seio da falta de objeto apenas for aquele que requer a subsistência, — o homem caminhará na margem mais externa do precipício, a saber, caminhará para o lugar onde ele mesmo deverá apenas ser mais tomado como subsistência. Entretanto, justamente este homem ameaçado se arroga como a figura do dominador da terra. (HEIDEGGER, 2007b, p. 389-390).

Essa pretensão do homem de ser o senhor do ente, já esboçada desde o início da metafísica tradicional, alcança seu ponto máximo no momento em que todos os entes, incluindo o ente humano, são reduzidos à irrelevância do nada, no momento histórico onde tudo aparece como pura conjuntura.

De acordo com a análise desenvolvida por Heidegger, na qual ele vê claramente um elo entre a origem do pensamento grego e a metafísica consumada, uma ressonância entre o princípio e o fim, propondo que o fim da metafísica é o fim do princípio – demarcando aí o espaço onde a história se movimenta –, se percorrermos o caminho do pensamento ocidental, desde o começo da filosofia na Grécia, perceberemos que a virtualização de tudo não é algo que se deu por acaso na civilização contemporânea, mas antes o último estágio de um longo processo que aponta para a forma como viemos nos relacionando com o todo, desde o advento da metafísica há mais de dois mil e quinhentos anos. Isso se dá desde o momento em que Aristóteles expôs uma forma de conhecimento que busca estruturas e categorias, classificando os entes a partir da “designação de uma região, de um esquema, de uma gaveta, na qual algo é depositado e assim classificado” (HEIDEGGER, 2007c, p. 51), hipostasiando o ser dos entes na medida em que esse é “apreendido e concebido a partir do fio condutor do enunciado, do juízo, do ‘pensamento’. Esse modo de determinação da verdade sobre o ente na totalidade, o que significa ao mesmo tempo a metafísica, interpreta o ente segundo as categorias” (IDEM, p. 56); ou desde Platão, que propôs a existência de um “mundo das ideias”, suprasensível e transcendente, de caráter imutável, onde os entes reais existiriam, diferenciando-os do mundo das aparências, o qual nos é acessível. O caráter imutável do suprasensível corresponde exatamente à aspiração metafísica de propor um conhecimento *perene*. É na metafísica grega, portanto, que surge pela primeira vez o paradigma da presença constante, paradigma esse que se confunde com o próprio sentido inicial de ser. A questão é que esse paradigma ontológico surge ele mesmo de uma compreensão prévia da *physis* como autoprodução e do primado da atividade produtora como atividade fundamental para entender o movimento de vir à presença dos entes. Assim, seguindo o rastro da presença de um primado da *poiesis* em sua relação com a *techné* em Platão e Aristóteles, Heidegger detecta o fato de a metafísica grega inicial pensar o ente desde o princípio a partir da sua produção: ou seja, pensadores como Platão e Aristóteles partem, segundo Heidegger, do paradigma da *techné* em suas reflexões e procuram retirar exatamente daí as determinações essenciais dos entes em geral. Dizer isso é o mesmo que dizer: no início do pensamento ocidental, a filosofia parte da produção para alcançar os elementos *a priori* e autônomos necessários para a produção.

Considerar elementos autônomos ao que se produz equivale a dizer que a entidade antecede o aparecimento do ente e, assim sendo, que há determinações ontológicas no mundo. Concebendo que o ser da coisa está dado, a metafísica abre o espaço entre ser e ente e, conseqüentemente, cava um fosso entre o cognoscente e a coisa em si, criando aí um espaço que vai paulatinamente se virtualizando, uma vez que esse espaço vai cada vez mais se revelando como inexistente. Nesse momento inicial, em que se hipostasia o ente, já se tem o ser como uma coisa ilusória, a qual, ao perder o seu próprio, se virtualiza.

Nesse primeiro momento, já se acena um processo de virtualização. A hipostasia do ente presente na filosofia já afasta o ente dele mesmo no momento em que propõe uma busca por fundamentos últimos como resposta para a questão do ser.

O ente já representado na filosofia antiga, ao aparecer em sua determinação mais radical na contemporaneidade, na medida em que perde totalmente a relação com a sua fundamentação absoluta, por meio da maquinação encontra na cibernética o espaço onde pode, de fato, se virtualizar. A possibilidade da produtibilidade de tudo abre, agora, o campo para a cibernética produzir um mundo completamente virtual, muito além dos limites da concretude física.

Recebido em: 08.04.2018 | Aprovado em: 15.04.2018

{Referência Bibliográfica

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

_____. *As estratégias fatais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

CASANOVA, M. *Nada a caminho: impessoalidade, niilismo e técnica na obra de Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DESCARTES, R. *Discurso sobre o método*. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, M. *Sobre a questão do pensamento*.

Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Contribuições à Filosofia: Do acontecimento apropriador*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.

_____. *Meditação*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *A época das imagens de mundo*. Trad. DRUCKER, Cláudia. Material didático, 2007a.

_____. *Ensaio e conferências*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *A questão da técnica*. Scientiae Studia, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007b.

_____. *Nietzsche II*. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 2007c.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TRIVINHO, E. *A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada*. São Paulo: Paulus, 2007.

VIRILIO, P. *A velocidade de libertação*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

_____. *Polar inertia*. EUA: Sage Publications Ltd (Published in association with Theory, Culture & Society), 2000.